

ÁREA TEMÁTICA: (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TECNOLOGIA E PRODUÇÃO
- TRABALHO

“RIR É O MELHOR REMÉDIO”

Caroline Link (UEPG; caroline-link@hotmail.com)
Leandra Schneider (UEPG; leandraschneider2011@hotmail.com)
Fabiana Postiglione Mansani (UEPG; fpmansani@gmail.com)
(COORDENADORA DO PROJETO)

Resumo: O ambiente hospitalar busca restabelecer o estado de saúde de um indivíduo frente às suas necessidades biológicas. No entanto, durante a internação, também ocorre intensificação de suas necessidades sociais e psíquicas, em razão de fatores como a mudança na rotina social, profissional, além dos efeitos causados diretamente pela enfermidade ou suas incertezas e que culminam em estresse. A atuação de palhaços no hospital visa contribuir para a redução do estresse e promoção, ao menos do ponto de vista psíquico, do bem estar dos pacientes, acompanhantes e profissionais de saúde, estes últimos, cujo contexto e rotina de trabalho, pode ocasionar exaustão física e emocional. O aparecimento do palhaço no ambiente hospitalar está relacionado a transfusões de milk-shake e transplante de nariz vermelho, como também e principalmente, a sua capacidade de inovar e desafiar paradigmas. Dentro disso, o projeto de extensão Palhaçoterapia, desenvolvido por acadêmicos dos cursos de Medicina e Enfermagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), tem por objetivo, através da intervenção com os palhaços, promover um momento de alegria, risos e distração para o paciente durante a internação, assim como, propiciar aos integrantes oportunidade de aprimorar sua empatia, compaixão e habilidades comunicativas. Assim sendo, buscou-se, através de busca ativa na literatura científica, encontrar embasamento para justificar os objetivos propostos pelo projeto de extensão.

Palavras-chave: Palhaçoterapia. Humanização.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Antropologia, existem certas necessidades humanas tidas como universais, as quais podem ser divididas em biológicas, sociais e psíquicas. As necessidades biológicas estão relacionadas à sobrevivência e perpetuação da espécie, envolvendo desde alimentação e abrigo até eventos biologicamente adversos, tais como doenças. As necessidades sociais, por sua vez, derivam da tendência inata do homem à convivência em grupo. Por fim, as necessidades psíquicas, de difícil definição, objetivam a felicidade e satisfação humanas, seja através da obtenção de reação favorável por parte de terceiros, ou desabafos psicológicos (LINTON, 1962).

No ambiente hospitalar, há uma busca por restabelecer o estado de saúde frente às necessidades biológicas, como também há uma intensificação das necessidades sociais e psíquicas. Esse reforço de necessidades psíquicas e sociais ocorre em um momento em que o paciente encontra-se exposto a diversos fatores estressantes que a internação envolve, como, por exemplo, a mudança na rotina social e familiar, questões profissionais, além das perspectivas negativas intrínsecas de uma enfermidade ou suas incertezas (CASTRO; PERUCH; FERREIRA, 2014).

Partindo do pressuposto de que o riso é um notório sintoma de saúde física e mental, individual e coletiva (MENEZES, 1974), a terapia do riso por meio da atuação de palhaços no hospital pode contribuir de forma significativa para reduzir o estresse e promover, ao menos do ponto de vista psíquico, o bem estar dos pacientes, acompanhantes e profissionais de saúde, que, constantemente, pelo contexto e rotina de trabalho, podem se encontrar em estado de exaustão física e emocional (CASTRO; PERUCH; FERREIRA, 2014).

A origem dos elementos que caracterizam os palhaços como conhecemos hoje remontam à antiguidade, em que máscaras eram usadas em ritos tribais e procedimentos de cura (SATO et al, 2016). A delineação das características do palhaço como um personagem cômico ocorreu na Europa da Idade Média, com a figura do bobo da corte, cuja função era entreter a nobreza com suas palhaçadas para provocar o riso, mas além de caracteres pitorescos, possuíam um espírito rebelde e anárquico, que os possibilitava de fazer críticas que as demais pessoas não ousariam por temor a prisão ou condenação à morte (RODRIGUES; FILHO, 2013).

Na contemporaneidade, o humor foi universalizado, entretanto o palhaço não perdeu sua capacidade de promover o riso, inovar e desafiar paradigmas. Assim foi sua inserção em ambiente hospitalar. Quando em 1986, o diretor do Big Apple Circus de Nova York, Michael Christensen, após receber um convite para se apresentar em uma comemoração ao dia das crianças no Columbia Presbyterian Babies Hospital, decidiu realizar uma sátira ao dia-a-dia hospitalar, com direito a transfusões de milk-shake e transplantes de nariz vermelho (CASTRO; PERUCH; FERREIRA, 2014).

Após o resultado positivo do trabalho e autorização do hospital, Michael passou a visitar frequentemente as crianças enfermas. Modificando a rotina do hospital, o internamento passou a ser uma ocorrência menos angustiante, monótona e, na medida do possível, mais alegre. A partir disso, o hospital resolveu dar continuidade a este trabalho, e a partir do

investimento, surgiu a Clown Care Unit, da qual se originaram diversas iniciativas semelhantes (CASTRO; PERUCH; FERREIRA, 2014).

Motivados por essas experiências e tendo a alegria como instrumento, e o acadêmico universitário como mediador, estudantes dos cursos de Medicina e Enfermagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG desenvolveram o projeto de extensão Palhaçoterapia. A fim de que durante a internação, geralmente caracterizada pelo medo, estresse e incertezas do paciente, a interação com os palhaços possa promover um momento de alegria, risos e distração para o paciente, minimizando suas angústias e aliviando a tensão em que pode estar. Além das contribuições feitas à comunidade, os integrantes do projeto tem oportunidade de aprimorar sua empatia, compaixão e habilidades comunicativas.

OBJETIVOS

O propósito do Projeto de Extensão Palhaçoterapia é possibilitar a redução do estresse e a melhora do bem estar do paciente internado, acompanhantes e profissionais de saúde, assim como, propiciar aos acadêmicos participantes melhora de suas habilidades comunicativas e maior desenvolvimento da sensibilidade e empatia ante um paciente como um todo e não apenas como a enfermidade que o acomete. Dessa forma, promovendo a ressignificação do ambiente hospitalar com conseqüente melhora no bem-estar emocional de pacientes, acompanhantes e funcionários.

De acordo com o que foi acima explanado, o presente resumo buscou encontrar na literatura científica embasamento que justifique os objetivos propostos pelo projeto de extensão.

METODOLOGIA

Evidencia-se que a opinião existente no senso comum de que o palhaço consiste em colocar uma “roupa engraçada” e digirir-se ao nosocômio é completamente errônea. Em palavras simples, não é porque está sendo desenvolvido um trabalho de forma voluntária que deve ser de má qualidade. Com isso e por motivos já descritos, o palhaço, a nível hospitalar, encontra-se em ambiente que não é o seu “habitat natural”, por isso é necessário certa adaptação e que alguns cuidados sejam tomados. Logo, trata-se de uma atividade que requer extensa aprendizagem e capacitação para que possa produzir benefício ao paciente, ou ao menos não prejudicá-lo, como por exemplo, no que diz respeito aos riscos de contaminação, a qual pode ocorrer até mesmo pelo uso de matérias impróprios para o ambiente e que não possam ser esterilizados e/ou desinfetados.

Durante o primeiro semestre do projeto de extensão, os acadêmicos participaram de oficinas realizadas em parceria com a ONG Doutores Palhaços SOS Alegria. A partir de reuniões quinzenais, de aproximadamente duas horas, os integrantes, 14 discentes e um docente (Figura 1), foram expostos a metodologias de abordagem direcionadas ao auto-conhecimento, desenvolvimento do trabalho em coletivo, relação com o paciente e com as situações adversas relacionadas ao psicológico humano. Os acadêmicos aprenderam a trabalhar com questões particulares e relacionadas à convivência em grupo (Figura 2), aludindo ao trabalho em hospitais, a aceitação e a rejeição por parte do paciente, e a respeitar o medo e a aflição que este pode vir a apresentar, contando com auxílio para desmistificação de paradigmas relacionados ao contexto saúde-doença e até mesmo vivência humana.



Figura 1. Participantes do Projeto de Extensão Palhaçoterapia em parceria com a ONG Doutores Palhaços SOS Alegria.



Figura 2. Oficina abordando a temática da convivência em grupo.

A partir da experiência proporcionada pela extensão, os estudantes buscaram conhecer mais acerca da arte do palhaço, bem como encontrar na literatura estudos que tratassem sobre a terapia do riso em instituições de saúde, a fim de adquirir maior conhecimento e fundamentar cientificamente as intervenções que virão a ocorrer em ambiente hospitalar.

RESULTADOS

No ambiente hospitalar, há uma condição em que o paciente está deslocado de sua rotina social, suas atividades diárias como, por exemplo, trabalho e família e, no caso das crianças, também a falta de estímulos lúdicos, somados à presença da enfermidade e angústia, além de sofrimento que esta pode provocar no paciente. A soma de todos estes fatores culmina em estresse.

Diante disso, o humor é uma ferramenta que pode ser utilizada para proporcionar distração ao indivíduo, funcionando como coadjuvante à terapia, mas com ênfase às necessidades sociais e psíquicas, propiciando um cuidado menos traumático, principalmente no que diz respeito às crianças (LIMA et al., 2009).

Segundo Garcia et al (2009), o riso e o bom humor podem atuar no sistema imunológico, atuando como liberadores de serotonina, a qual, através de sua ação no sistema nervoso central, age como inibidor das vias da dor na medula.

No momento em que o paciente é submetido a uma situação estressante, como, por exemplo, a internação hospitalar, ocorre a liberação de cortisol e catecolaminas, cuja ação pode provocar ansiedade, perda de apetite, aumento da resposta a alérgenos e piora de comorbidades como hipertensão e diabetes. Justificando, assim, as intervenções que visam a redução dos níveis de estresse provocados pela doença e pela internação, mesmo que ainda exista uma escassez de evidências científicas que legitimem o efeito fisiológico causado pelas intervenções (SATO et al, 2016).

Garcia et al (2009), em seu estudo “A Influência Da Terapia Do Riso No Tratamento Do Paciente Pediátrico”, avaliou através da coleta de dados fornecidos pelas mães ou responsáveis pelas crianças o impacto causado pela terapia do riso nestas. Entre os resultados foi citado que a intervenção proporcionava mais alegria e tranquilidade à criança, ajudava na distração e, em alguns casos, contribuía para a alimentação desta. Através de questionário adaptado à criança em que esta avaliava a dor antes e após a visita do palhaço, foi constatada redução expressiva na intensidade da dor.

Assim sendo, com base científica confirmada pela literatura, conclui-se que ações proporcionadas pelo projeto de extensão, promovendo a introspecção e reflexão sobre temas existenciais e com avaliação promovida pelo feedback oral e relato de experiências ao fim de cada reunião, contribuem para uma melhor relação entre profissionais da saúde e pacientes, culminando não só em benefício do ponto de vista saúde-doença, mas também de uma perspectiva humana.

Os acadêmicos participantes ainda não tiveram oportunidade de interagir de fato com a

comunidade, o que será propiciado em breve com a população atendida pelo Hospital Universitário Regional dos Campos Gerais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista todo o contexto envolvido pelas necessidades intrínsecas ao ser humano, abaladas em um momento de doença, bem como suas consequências, vê-se a importância de um tratamento que priorize a melhora do paciente em todos os aspectos, que além de curá-lo biologicamente, possa reconfortá-lo trazendo, na medida do possível, alegria e distração em um momento em que predominam medo, estresse e incertezas. Não só beneficiando emotivamente pacientes, mas também acompanhantes e profissionais da saúde, a atuação do palhaço amenizaria com sua figura pitoresca e com suas brincadeiras, uma carga emocional muitas vezes negativa presente em ambiente hospitalar.

Além das contribuições feitas à comunidade, o estudo da arte do palhaço e a sua prática tornam os acadêmicos mais observadores e, conseqüentemente, mais sensíveis às ansiedades, angústias e incertezas alheias, desenvolvendo, assim, empatia, habilidades comunicativas, culminando em maior humanização.

O objetivo vai mais além e é mais profundo do que um mero sorriso.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Elizabeth; PERUCH, Cecília; FERREIRA, Natália. Doutores palhaços em ambiente hospitalar: O uso do riso como instrumento terapêutico. IN: SEMINÁRIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA REGIÃO SUL, 31, 2014, Florianópolis. Anais do 31º SEURS. Florianópolis: UFSC, 2014.

GARCIA, D. T. R.; SILVA, J. G. et al. A influência da terapia do riso no tratamento do paciente pediátrico, São José dos Campos, SP, Universidade do Vale do Paraíba – Faculdade de ciências e saúde, 2009.

LIMA, R. A. G. De; AZEVEDO, E. F.; NASCIMENTO, L. C.; ROCHA, S. M. M. A arte do teatro clown no cuidado às crianças hospitalizadas, Rev Esc USP, 2009; 43(1): 178-85.

LINTON, R. O Homem: uma introdução à Antropologia. 7ª Ed. São Paulo: Martins. Pág. 394-395, vol. 1, 1962

MENEZES, E. D. B. O riso, o cômico e o lúdico. Revista de Cultura, v.68, n.1, p.5-15, 1974.

RODRIGUES, A. F. A.; FILHO, W. J. N. A utilização do palhaço no ambiente hospitalar. Uberlândia v. 9 n. 1 p. 72-81 jan./jun. 2013.

SATO, M.; RAMOS, A.; SILVA, C. C.; GAMEIRO, G. R.; SCATENA C. M. D. C. Clowns: A review about using this mask in the hospital environment. Interface: Comunicacao, Saude, Educacao, 20(56), 123–134. (2016)